

CARTAS PERTO DO CORAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ESCRITA DE SI DE FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR

Adalberto Rafael Guimarães
Doutorando – Universidade de São Paulo – USP

Prof^a. Dr^a. Ilca Vieira de Oliveira
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes/CNPq)

RESUMO: Nas *Cartas Perto do Coração* (2001), coletânea que reúne as missivas trocadas entre Fernando Sabino e Clarice Lispector, analisaremos os processos que envolvem a escrita de si desses autores, a partir da concepção de “pacto autobiográfico”, postulada por Philippe Lejeune. Neste artigo, balizado pela ideia de “arquivamento do eu”, proposta pelo escritor Philippe Artières, discutiremos as cartas como veículo de subjetividade e criação poética da imagem do eu. Verificaremos como Fernando Sabino e Clarice Lispector se apropriam do discurso literário, se oferecem ao olhar do outro e, assim, constroem suas imagens a partir de seus cotidianos. Trabalharemos, também, a maneira como os autores se abriam a exames de consciência partilhados com o correspondente e, dessa forma, contemplavam suas vidas e, também, suas criações artísticas. Por meio das missivas, refletiremos, ainda, sobre as semelhanças entre a escritura de suas personagens e a de si mesmos, pois compreendemos as cartas como depósitos de marcas dos impulsos iniciais que deram origem a escritos de Clarice e Fernando, nos quais “personagem-autor” se confundem na urdidura do texto.

Palavras-chave: Fernando Sabino; Clarice Lispector; cartas; escrita de si, criação literária.

ABSTRACT: CARTAS PERTO DO CORAÇÃO: THE CONSTRUCTION OF IDENTITY IN WRITING OF FERNANDO SABINO AND CLARICE LISPECTOR

In the *Cartas Perto do Coração* (2001), a collection that gathers the letters exchanged between Fernando Sabino and Clarice Lispector, we analyze the processes that involve the writing of himself these authors, from the conception of "autobiographical pact," postulated by Philippe Lejeune. In this study, based on the idea of "file self" proposed by writer Philippe Arties, we will discuss the letters as a vehicle for creating subjectivity and poetic image of the self. We will check how Fernando Sabino and Clarice Lispector take ownership of the literary discourse, offer themselves to the gaze of another, and so they build their images from their daily lives. We will work, too, how the authors were open to examination of conscience shared with the corresponding and thus contemplating their lives and also their artistic creations. Through the letters, we reflect also on the similarities between the composition of their characters and themselves, because we understand the charts as deposits marks the initial impulses that gave rise to books

of Clarice and Fernando, in which character and author was confused in the structure of the text.

Keywords: Fernando Sabino, Clarice Lispector, letters, writing itself, literary creation.

“Trocávamos ideias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo. (...) Era mais do que uma paixão pela literatura. (...) O que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores.”

(SABINO, 2003, p. 8)

A escrita de cartas tem sido constante objeto de estudo para inúmeras pesquisas relacionadas à literatura. Vistas sob o ponto de vista literário, as correspondências mantidas entre famosos escritores nacionais revelam mais do que simples fatos biográficos. Elas servem como matéria-prima para análises voltadas não somente aos estudos autobiográficos, que procuram desvendar a manifestação da escritura de si no ato discursivo, mas também oferecem subsídios únicos para aqueles que se dedicam aos estudos sobre a criação literária.

Ao adentrarmos na intimidade pessoal revelada nas correspondências trocadas entre os escritores Fernando Sabino e Clarice Lispector, encontramos marcas textuais que denotam a constituição do processo de auto-retratação de si. Em 2001, quando as *Cartas Perto do Coração* foram publicadas pela Editora Record, puderam os leitores de Sabino e Lispector desfrutar e mergulhar profundamente na intimidade de dois dos mais importantes escritores da Literatura Brasileira. Somente depois de trinta e dois anos após a morte de Clarice, os estudiosos tiveram acesso às primeiras cartas escritas pelos jovens autores, no momento em que iniciavam suas carreiras literárias. Mantida, com inúmeras interrupções, de 1946 a 1969, a correspondência inicia-se quando Clarice residia em Berna, na Suíça, dirigindo-se ao escritor mineiro, no Rio de Janeiro. No entanto, engana-se aquele que pressupor que as cartas percorrerão somente

esses dois itinerários. Como verdadeiros nômades, os autores se corresponderão de diversos lugares do mundo. Fernando Sabino, ainda em 1946, se instalará em Nova York. Em 1952, será a vez de Clarice Lispector fixar residência em Washington, enquanto Fernando regressará, depois de muita saudade, ao Rio de Janeiro. A partir de então, as correspondências passarão a circular entre essas duas capitais.

As cartas trocadas entre os autores configuram-se como veículos de intensa subjetividade, nas quais os seres-humanos que as escreveram puderam olhar exclusivamente para dentro de suas almas, em momentos de intensa angústia e desespero e encontrar, no outro, e, em sua consciência, a resposta para a filosófica pergunta: “quem sou eu?”. A escrita compartilhada por meio das cartas é, para Michel Foucault, uma maneira de se aperfeiçoar toda a vida, uma atitude na qual a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria. A carta enviada pelo missivista, em nosso estudo, papel ocupado ora por Fernando Sabino ora por Clarice Lispector, tem o poder de atuação, em virtude da força significativa do próprio gesto de se escrever, não somente sobre aquele que a escreve. A carta atua, também, devido ao ato da leitura e da releitura, sobre aquele que a recebe. Segundo Foucault, a escrita da carta pode ser entendida como um processo de auto-análise, pois aquele que escreve busca, através dessa ação, construir sua imagem frente ao outro e, ao mesmo tempo, enxergar a sua própria alma.

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz.¹

A reciprocidade da atuação da carta, postulada por Foucault, fundamenta-se no efeito de sentido que a correspondência provoca tanto ao ser

¹ FOUCAULT, s/d, p.150

lida quanto ao ser escrita. Em carta datada de 6/7/1946, encontramos o relato de Fernando Sabino, sempre permeado de ternura, que ilustra a intensidade do efeito causado pela chegada de uma carta da amiga.

Clarice, sua carta chegou como uma ventania: eu estava organizando uns formulários, pilhas de papéis em cima da mesa quando o contínuo se aproximou segurando uma carta para mim. Largou-a na minha frente, os papéis voaram. Olhei o remetente: Seminartrasse! Fiquei idiota. (...) Mas essas coisas costumam acontecer. (...) Atravessei um período duro, Clarice. Também precisei de uma palavra amiga. (...) Como você vê, não posso te mandar nenhuma palavra animadora. (...) Gostei muito da sua carta, me deu muita alegria.²

No fragmento, em evidência, extraído de uma missiva escrita em seu “período de exílio”, em New York City, Sabino transfere para a escrita todas as sensações que a carta escrita por Clarice foi capaz de lhe provocar. Antes mesmo de ser lida, a carta produziu impacto em seu cotidiano monótono, ao fazer surgir uma verdadeira ventania. Pode-se ver que há, sempre, elementos ficcionais nos relatos do autor. Imperceptivelmente, Fernando estava sobre o efeito positivo da carta e, naquele instante, proporcionaria o mesmo a Clarice. Na resposta, de 27/7/1946, Clarice relata a reciprocidade da ação das palavras de Sabino:

Fernando, deixei de responder logo à sua carta porque exatamente estava em período agudo de precisar receber e não de escrever. Ainda estou assim, mas hoje é domingo de manhã, está chovendo e tudo está escuro; (...) Na sua carta tão boa para mim, você diz que não pode dar nenhuma palavra animadora, e, no entanto, vieram muitas, veio uma carta inteira delas. Uma carta que me sacudiu um pouco.³

Na primeira correspondência, de *Cartas Perto do Coração*, datada de 21/4/1946, o papel de missivista é preenchido por Clarice Lispector e a escrita como exercício de partilha é instituído. Clarice, na carta escrita “em conjunto” para Helena, Fernando, Paulo (Mendes Campos) e Otto (Lara Resende), estabelece um pacto de escrita com Fernando Sabino: ele, em conformidade com o que havia

² SABINO, 2003, p. 25-30

³ LISPECTOR, 2003, p.35

sido combinado, deveria escrever o primeiro capítulo daquele momento de vida e ela terminaria por receber de cada um deles, as primeiras “palavras de base”. Clarice inicia, então, a construção de sua imagem que, paulatinamente, será desenvolvida nos demais escritos que ela remeteria a Fernando.

Assim como suas personagens fragmentadas e descentradas, Clarice constrói a imagem de si mesma a partir de divagações sobre a sua existência e exposições de questionamentos inerentes à natureza humana. Sua obra, extremamente complexa e polêmica, repleta de personagens com dramas existenciais pode, em diversos momentos, ser comparada à sua própria vida, devido ao caráter psicológico “não linear” de suas personagens e à profundidade dos dramas que estes frequentemente enfrentam em seus livros.

Segundo Beth Brait (1987) tratar o problema da “personagem” recusando totalmente o vínculo com a “pessoa” é um absurdo, pois as personagens representam pessoas. Não pretendemos, neste estudo, comparar Clarice a suas personagens, mas apenas apontar semelhanças entre o “eu” de suas criações e o “eu” que a autora cria para si mesma, nas cartas endereçadas a Fernando Sabino. Portanto, em Clarice, a afirmativa de Brait faz-se coerente, em várias ocorrências. Ao analisarmos o retrato pintado por Clarice, de si mesma, nas missivas, verificamos que a autora parece atribuir a algumas de suas personagens, elementos de sua própria existência.

A aproximação entre personagem e pessoa é o assunto abordado, também, por Antonio Candido em seu texto, *A Personagem de Ficção*. Para Candido, um romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. Portanto, as características que encontramos em personagens claricianos, de alguma forma, podem conter elementos de personalidade advindos de sua criadora. A título de exemplo, destacamos o fragmento extraído do primeiro romance escrito por Clarice Lispector: *Perto do Coração Selvagem* (1944) ao qual, carinhosamente, Fernando Sabino fez alusão

ao dar título à coletânea analisada neste estudo. A personagem Joana, à determinada altura do romance faz a seguinte indagação:

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é o que sinto, mas o que digo.⁴

É essa reflexão metalingüística da construção do “eu” que permeará praticamente todas as missivas de Clarice Lispector. Na primeira carta, o impasse da escrita de si fica evidente: “Na verdade nem sei direito o que contar”⁵. Em outro escrito, datado de 27/7/1946, a incerteza do que é ou do que deveria fazer volta a assolar Clarice, tornando-a semelhante, nesse aspecto, à Joana: “Que coisa está me acontecendo não sei dizer. Já me perdi em tantos pensamentos que se afinal eu pudesse fazer uma confissão que salvasse tudo, não saberia fazer. Era preciso que alguém desse as primeiras palavras ou todas por mim”⁶.

Na construção de si, elaborada por Sabino, nas cartas a Clarice, também encontramos aspectos em comum com personagens criados por ele. Se nas palavras de Arnaldo Bloch (2005), “Fernando virou mundo, mas, ao contrário do anejo de seu romance picaresco, acumulou mais venturas que desventuras”, isso não significa que Fernando não tenha, inúmeras vezes, assim como sua personagem principal de *O Encontro Marcado*, passado por inúmeros desafios para vencer seus problemas.

Clarice, eu estava mesmo precisando receber uma carta sua, Clarice. Me perdoe... Infelizmente a carta que eu queria escrever a você não posso escrever. Escrevi outras, várias, guardei algumas (...) Muita coisa aconteceu depois do dia 3 de setembro do ano passado, quando você se foi. Atualmente leio menos. (...) Acho que o tempo se conta é em dias mesmo. Como você já deve ter

⁴ LISPECTOR, 2001, p. 59.

⁵ SABINO, 2003, p. 9.

⁶ SABINO, 2003, p. 36.

sabido, ou não deve, estou já há alguns meses morando sozinho, e aqui vai meu novo endereço.⁷

Para Arnaldo Bloch (2005), a personagem Eduardo Marciano, refere-se, em determinadas passagens do romance, à vida do próprio Sabino. Como no capítulo chamado “O afogado”, no qual o autor narra o auge da crise de Marciano com a mulher, Antonieta. Para Bloch, tal passagem refere-se claramente ao mar e ao afogamento da crise conjugal pela qual Fernando Sabino passava, na época da escrita.

Delgado (2007) acredita que *O Encontro Marcado* seja um rito de recordação. Para ela, na obra de Sabino, a memória se faz literatura e ficção. Faz-se busca de reencontro do que “flui e se perde na dinâmica do tempo”. Os ritos que Sabino cria “congelam o tempo na busca de experiências” como as molecagens de Marciano e de seus companheiros. No entanto, é na procura de “algo que não se sabe bem o que seja” que Eduardo e seu criador, Fernando Sabino, aqui analisado sob a óptica das *Cartas Perto do Coração* mais se aproximam.

No excerto, abaixo destacado, encontramos reflexões feitas pelo narrador de *O Encontro Marcado*, sobre as desventuras de Eduardo Marciano que, também, poderiam ser relacionadas, de alguma forma, à construção que Fernando Sabino faz de si:

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.⁸

As *Cartas Perto do Coração* lidas em conjunto com *O Encontro Marcado* fazem ressurgir o que, na edição do 50º aniversário romance mais famoso de Sabino, os depoimentos impregnados de subjetividades de seus filhos relatam. “O Encontro Marcado é a vida do meu pai transfigurada naquilo que ele

⁷ SABINO, 2003, p.101.

⁸ SABINO, 2006, p. 199-200.

chamava a verdade que existe atrás da realidade”, segundo Eliana Sabino. Leonora Sabino Teixeira acrescenta ainda que ao ler o romance “foi então o verdadeiro encontro com o meu pai. Nele conheci suas angústias e alegrias, seus medos e indagações, seus amores e seus sonhos”. Bernardo Sabino confirma o que diz Leonora, “ao ler *O Encontro Marcado* pela primeira vez, percebi que Eduardo Marciano era ele, meu pai, e já, conhecendo muitas passagens do livro, tive a sensação de fazer parte delas”. Segundo Mariana Sabino, aos 16 anos de idade, ao conversar com o pai sobre as inquietações que a jovem tinha diante da vida, Sabino teria lhe dito que eram angústias normais que somente o tempo poderia curar e sugeriu que a filha lesse *O Encontro Marcado*. Ela afirma que ao aceitar a sugestão, “Foi um encontro com meu pai. Estavam ali a sua trajetória, a busca constante, os dilemas e a coragem”.

Ao adentrarmos no universo particular das cartas escritas por Sabino, podemos encontrar claramente as angústias e os medos que aterrorizavam Eduardo Marciano e que são atribuídas ao escritor pelos próprios filhos, que com ele conviveram até sua morte em 2004. Em passagem, retirada de carta remetida a Clarice Lispector, em 27/6/1947, Fernando afirma não ter feito nada de aproveitável. Por meio de uma alusão a um edifício que estava para ser demolido, sugere que o mundo, embora ninguém perceba, também está prestes a sucumbir. Fernando constrói uma reflexão semelhante às que seu personagem cria, ele configura-se como um alguém que muito reflete sobre o mundo, mas que não consegue formular um pensamento que seja aproveitável. Essas angústias de Fernando acerca da criação literária, em diversos momentos assemelham-se às enfrentadas por Eduardo Marciano:

Literatura. Já não escrevo nada. Está tudo esgotado. Ou se faz alguma coisa de verdadeiramente novo, ou é melhor esperar os tempos novos. Alguma coisa nova se anuncia, eu vejo, eu sei. (...) Eu estou na expectativa – descrente das fórmulas gastas, esgotadas. Tenho sentido muito a falta de vocês.⁹

⁹ SABINO, 2006, p. 220-221.

Na mesma carta destinada à Clarice, Sabino mostra-se extremamente insatisfeito com sua literatura. O autor conta que após terminar de escrever uma novela sobre uma cleptomaniaca, que viria a ser publicada com o título de *O Bom Ladrão*, estaria pensando em juntar-lhe mais duas que já estavam prontas e publicar um livro para que pudesse livrar-se delas. No entanto, o próprio Fernando admite que não seria agradável publicar “um livro que a gente já sabe que ninguém vai gostar”. Em diversas passagens, Fernando constrói a imagem de autor preocupado e amedrontado com sua escrita, pois há sempre o receio de que o que ele esteja escrevendo, como o autor afirma ainda na mesma carta, seja “apenas um Irmãos Karamazov avacalhado”. Há sempre uma preocupação constante acerca da criação literária, tanto em Clarice quanto em Fernando. Em carta de 7/5/1956, Clarice informa a Fernando que está copiando o romance que há tempos começara a escrever e, portanto, estaria terminado. Ela comunica que, provisoriamente, o livro se chamará *A Veia No Pulso*. A autora diz: “Quanto eu daria para você ler e me dizer o que devo ou não tirar, se o livro está ambicioso ou pretensioso, só Deus sabe, eu não sei”¹⁰. Em seguida, pede a Fernando sugestões de editoras a quem o romance pudesse interessar. Neste instante, Clarice mostra-se extremamente ansiosa pela publicação de seu livro, chegando mesmo a confessar, ao companheiro, o quão impaciente a espera pelas publicações de suas criações lhe fazem e deseja o quanto antes se ver livre. Vejamos:

Fernando, que editor você acha que quereria publicar “A veia no pulso?” (...) Se você me disser o nome de dois ou três possíveis, eu escreverei para eles “oferecendo”. Mas queria que fosse um editor que pudesse publicar sem demora, o mais rápido possível. (...) Esperas me fazem mal, me atrapalham, fazem de mim uma impaciente. Não tem que ser bom editor, tem que ser rápido. ¹¹

Hoje, é quase impossível acreditarmos que os atrasos nas publicações de obras de uma das maiores escritoras da Literatura Brasileira pudessem ter sido

¹⁰ LISPECTOR, 2003, p.128.

¹¹ LISPECTOR, 2003, p. 128-129.

tão recorrentes, como questionou Evandro Nascimento. Mas, somente em 1961, cinco anos após sua escrita, o romance inicialmente intitulado *A veia no pulso* e, em seguida, alterado para *A Maçã No Escuro*, por sugestão do próprio Sabino, seria publicado pela Editora Francisco Alves.

Notamos que a construção do eu como seres preocupados, constantemente, com a criação literária, tanto em Clarice quanto em Fernando, aparece com bastante clareza no episódio que acima mencionamos. Clarice repleta de dúvidas quanto ao seu romance termina por enviar a Fernando Sabino os originais de sua criação a fim de que o amigo possa a partir de sua leitura, fazer as correções que julgar pertinentes. A autora afirma: “Claro que quero que você o comente comigo antes mesmo da publicação! E pelo amor de Deus, me dê a honra de ser franco.”¹² . Fernando Sabino, em 2/7/1956, mostrando-se extremamente generoso, responde com inúmeras observações. Ele procura ser franco e admite que o título do livro não lhe agradara muito: “O título de seu livro: pensei, pensei, pensei, só me veio também ideia maluca”.¹³ Mais adiante, após propor vários títulos que pudessem substituir *A Veia No Pulso*, o amigo sugere que *A Maça no Escuro* é o melhor que lhe ocorre, apesar achá-lo meio natureza-morta e, portanto, pouco comercial. Durante as observações que Fernando faz sobre o romance de Clarice, compreendendo o quanto sua opinião era importante para ela, ele deixa claro o quão ambíguo e hesitante ele se encontra naquela situação de crítico: “Não acho de grande importância para o livro as alterações sugeridas. Exatamente por isso é que me pareceu que não custava nada fazê-las”.¹⁴

Em carta de janeiro de 1957, Fernando Sabino, extremamente constrangido pela publicação de *A Maça No Escuro* endereçará uma carta provocativa a Clarice, questionando o fato de todas as suas sugestões terem sido acatadas sem nenhum questionamento por parte da autora: “Fiquei constrangido

¹² LISPECTOR, 2003, p. 133.

¹³ SABINO, 2003, p. 145.

¹⁴ SABINO, 2001, p. 146.

de você ter aceito todas as minhas sugestões, ao pé da letra, sem maior discussão. Fiz as correções, mas, francamente, também não precisava tamanha violência...”¹⁵. Ele, como sujeito sempre questionador, critica a atitude de Clarice de acatar todas as mudanças sem ao menos discutir. Ela, pensativa, escreve ao amigo informando que a discussão aconteceu, internamente, que o seu “eu” em diversos momentos relutou em aceitar as dicas, mas que por fim, achou conveniente o que o amigo lhe chamara a atenção. Afinal, percebemos que, em Fernando Sabino, Clarice Lispector encontrava uma espécie de leitor-modelo. Era Fernando quem lia com exclusividade os escritos da autora e dava sua opinião sincera a ela.

A leitura d’*As Cartas Perto do Coração* despertam diversas indagações. Em diversos momentos, Fernando e Clarice procuram caracterizar os lugares em que estão inseridos no momento da escrita da missiva que será encaminhada ao correspondente. Se para Michel Foucault,

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana. Relatar o seu dia não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros.¹⁶

Podemos verificar que, nas primeiras cartas escritas por Clarice Lispector a Fernando Sabino, as primeiras impressões de Berna, descrevem algo a mais que o silêncio e o tédio que serão as marcas da cidade: “Berna é linda e calma, vida cara e gente feia; com a falta de carne, com o peixe, queijo, leite, gente neutra, termino mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que eu encontrar; falta demônio na cidade...Tudo isso é tolice”.¹⁷ É perceptível que, em meio à tranquilidade e ao silêncio de Berna, Clarice experimenta a sensação da “mulher (des)locada”. Notamos, pois, que a caracterização do lugar, vai além do simples fato de narrar os acontecimentos que

¹⁵ SABINO,2001, p. 191.

¹⁶ FOUCAULT, s/d, p. 155.

¹⁷ LISPECTOR, 2003, p. 9-10.

tornam o dia igual a todos os outros. Nas cartas de Clarice, o relato da cidade, é feito com a intencionalidade de atribuir a si, o silêncio e o tédio que coexistem dentro dela própria. O lugar, de alguma forma, nada mais representa que o sentimento de vazio que preenche o seu “eu”. São várias as ocorrências em que o relato do ambiente nada mais é que um propósito para falar de si mesma. Uma forma para chegar à construção de si. Vejamos em um trecho, no qual Lispector retrata o período chuvoso da cidade, em que se encontra, para de forma abrupta inserir a “tempestade interior” que lhe afronta:

Esta chuva que está caindo é uma maravilha e tem também um pouco de sol: chuva e sol, casamento da raposa com o rouxinol. Estou cheia de problemas e a cada dia um deles entra em estado de crise, sem socorro. Interrompi mesmo o trabalho, minha impressão é de que é para sempre. (...) Tenho outros problemas também, Fernando, e por carta não saberia falar.¹⁸

Nas missivas de Fernando Sabino, a descrição dos lugares também se dá de forma bastante recorrente. Em carta escrita a Clarice, datada de 3/8/1946, Sabino realiza uma detalhada caracterização do lugar em que se encontra, Old Greenwich, para transmitir o quão vazio ele se sente, naquele lugar. Interessante é que é este vazio, que o próprio Sabino atribui ao seu “eu”, é o motivo pelo qual ele é levado a querer escrever à amiga. Notamos, pois, que enquanto Clarice encontra no vazio, uma barreira, um entrave, uma interrogação que a corrói e a faz fragmentar-se e permanecer estática, Fernando faz deste vazio a “chave de ouro” de seu labor. No fragmento abaixo, a solidão e o vazio que o rodeiam o instiga à criação literária:

Uma praia com areia preta. Um jardim todo torto, grama cheia de folhas. (...) No jardim tem uma árvore, debaixo da árvore tem uma mesa de vime, em cima da mesa, uma máquina, em frente à mesa uma cadeira de vime e em cima da cadeira eu. Me sinto feito de vime também. (...) À esquerda tem um mastro grande com uma

¹⁸ LISPECTOR, 2003, p. 36-38.

rosa dos ventos indicando direções. (...) Está frio. Uma estúpida águia americana me olha rapinamente lá de cima do tal mastro. Me sinto vazio, feito de vime: vazio, vazio, vazio. Vou escrever uma carta para Clarice aproveitando esse vazio.¹⁹

Para Michel Foucault, por meio da carta, os correspondentes se abrem ao olhar do outro no lugar do “deus interior”. A correspondência, portanto, é vista como uma maneira de nos retratar, uma maneira daquele que se escreve dar-se ao olhar daquilo que deve ser dito a ele próprio. Muitas vezes, a carta possui intenções de ajuda. O remetente busca, na correspondência, uma forma de mostrar-se e assim obter ajuda. O trabalho que a carta opera sobre o destinatário, mas que também é efetuado sobre o missivista implica, pois, uma introspecção, como uma decifração de si por si mesmo, uma abertura de si mesmo que se dá ao outro. No fragmento abaixo, a introspecção mencionada por Foucault traduz-se na abertura que o emissor oferece ao outro para que ele o enxergue na intimidade. Na carta de 3/8/1946, Fernando Sabino realiza uma discussão sobre a ajuda sempre presente nas cartas por eles trocadas. Para ele, a ajuda cedida à amiga, consistia em nada mais que um processo egoísta ou, de certa forma, em um movimento simulado. O autor configura a imagem de si como aquele que, de todas as maneiras, em todos os gestos de caridade, sempre busca o alívio de suas angústias e estende tal imagem do “eu” a Clarice. Vejamos:

A gente procura ajudar-se a si mesmo apenas, e usa todos os caminhos, inclusive os indiretos, de cinco ou seis destinos que a gente pode tocar com as mãos. Ninguém ajuda ninguém, e a verdade é que estamos sozinhos, cada um consigo mesmo. (...) Todo gesto de ajuda é o extremo oposto da caridade: é um movimento simulado”.²⁰

Fernando Sabino e Clarice Lispector buscam, em suas cartas, uma forma de arquivar a própria vida. Tal procedimento estudado por Philippe Artières consiste em “se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de

¹⁹ SABINO, 2003, p. 42-43.

²⁰ SABINO, 2003, p. 44.

si mesmo”²¹ Nas cartas de Sabino e Lispector, observamos com toda clareza que os autores buscam fazer de seus livros, a própria vida arquivando a si mesmos na escrita.

Neste estudo, levamos sempre em consideração que as cartas trocadas entre Fernando e Clarice configuram-se como veículos para o exercício da escrita autobiográfica. Philippe Lejeune, em seu *O Pacto Autobiográfico*, postula que autobiografia não deve ser encarada como um mero ato de discurso, mas sim como um ato de discurso literariamente intencionado. A especificidade de um texto de caráter autobiográfico, como é o caso das cartas aqui analisadas, reside na complexa e muitas vezes tortuosa relação entre representação literária e experiência vivida. Quando lidamos com escritos autobiográficos de dois dos maiores ficcionistas de nossa literatura, devemos sempre nos atentar às marcas subjetivas realçadas pelo trabalho artístico, pois entendemos que, na escrita de ambos, os recursos estilísticos e a criação literária estão sempre presentes. Em outras palavras, a autobiografia tende a assimilar técnicas e procedimentos específicos da ficção.

Para Hamburger (1975), o diálogo na escrita epistolar representa, juntamente com outros recursos, não apenas o empréstimo da palavra, mas a criação literária em si. Segundo a autora, em narrações feitas em primeira pessoa, as demais pessoas escritas pelo “eu” são compreendidas como objetos e não como sujeitos. Dessa forma, os autores podem olhar, com totalidade, para si mesmos e, assim, construir suas próprias imagens. Como auto-retratistas, Fernando Sabino e Clarice Lispector não procuraram, em suas cartas, apenas contar o que fizeram, mas também tentaram, incansavelmente, dizer quem são a si mesmos, embora a busca pelas suas essências não tenha conduzido à certeza de apenas um “eu”, mas ao encontro marcado com os diversos “eus” que coexistiram dentro de cada um deles.

²¹ ARTIÉRES, 1998, p.11.

Referências

- ARTIÉRES, Philippe. "Arquivar a Própria Vida". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1987.
- BLOCH, Arnaldo. *Fernando Sabino: Reencontro*. Rio de Janeiro: Relume, 2005.
- CANDIDO, Antonio. "A Personagem do Romance". In: *A Personagem de Ficção*. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Tempo de reencontro em Fernando Sabino: memória, literatura, história e modernidade. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p.143-155, jan. –jun. 2007.
- FOUCAULT, Michel. "A Escrita de Si". In: *O Que é Um Autor*. Lisboa: Edições 70, s/d, p.128-160.
- HAMBURGER, Käte. "As Formas Especiais". In: *A Lógica da Criação*. 2. ed. Ed. Perspectiva: São Paulo: 1975.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rosseau à Internet*. / Philippe Lejeune; organização: Jovita Maria Gertheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gertheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MIRANDA, Wander Melo. "A Ilusão Autobiográfica". In: *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- NASCIMENTO, Evandro. Encontro marcado nas cartas. *Jornal do Brasil*, 20 out. 2001. Caderno Idéias. p. 8.
- SABINO, Fernando.; LISPECTOR, Clarice. *Cartas Perto do Coração/Fernando Sabino, Clarice Lispector*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SABINO, Fernando. *O Encontro Marcado*. 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.